



UCRÂNIA

EUA e Otan põem tropas em alerta

Pentágono coloca de prontidão 8,5 mil soldados para responderem a eventual invasão russa. Aliança militar ocidental envia caças e navios para países do Leste Europeu. Kremlin denuncia "histeria"

» RODRIGO CRAVEIRO

Pontos de vista

Por William Courtney
Ajuda letal do Ocidente



"Os EUA e seus aliados da Otan provavelmente continuarão a fornecer ajuda militar, incluindo armamentos letais, para a Ucrânia. Também podem intensificar um envolvimento direto, como combater qualquer ataque cibernético russo ou ajudar a impedir o bloqueio de Odessa, o maior porto da Ucrânia."

Ex-embaixador dos Estados Unidos no Cazaquistão e na Geórgia

Por Oleg Ignatov
Escalada possível



"É claro, há riscos de a situação ficar fora de controle. A crise se agravará, por exemplo, se alguns membros da Otan decidirem enviar seus soldados para ajudarem a Ucrânia ou se a Bielorrússia tomar algumas ações agressivas contra alguns membros da aliança militar ocidental."

Especialista do International Crisis Group (em Moscou)

Por Daniil Bogatyriov
Situação perigosa



"Algum tipo de escalada na Ucrânia é possível, mas apenas se os EUA aumentarem as apostas nas negociações com a Rússia até um nível inaceitável para o Kremlin."

Analista do Instituto Ucrainiano de Análise e Gestão de Políticas

Maurício Campino/USAF/AFP



Militares americanos preparam armas para envio à Ucrânia, na Base Aérea de Dover, em Delaware

avançados em responder a uma potencial agressão.

O primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, disse que invadir a Ucrânia mergulharia a Rússia em um conflito "violento e sangrento". Ele chegou a especular sobre a criação de "uma nova Chechênia", ex-república soviética do Cáucaso. "Temos que transmitir a mensagem de que invadir a Ucrânia, do ponto de vista russo, será doloroso, violento e sangrento, e acho que é muito importante que as pessoas na Rússia entendam que isso poderia ser uma nova Chechênia", afirmou, em rede nacional de televisão. No sábado, o Reino Unido acusou Putin de querer instalar um líder pró-russo em Kiev. No mesmo dia, os EUA enviaram a Kiev 90t de armas letais, incluindo munições.

Ex-embaixador dos Estados Unidos no Cazaquistão e na Geórgia, William Courtney afirmou que a mobilização de tropas da Otan e dos EUA no Leste da Europa sinaliza apoio à Ucrânia e busca impedir uma potencial invasão russa expandida. "A Rússia posicionou forças massivas perto da Ucrânia. O que o Kremlin fará é um mistério", afirmou ao **Correio** o também especialista da Rand Corporation.

Courtney não crê em um envolvimento de outros países da Europa, à exceção da Bielorrússia, em uma eventual guerra entre a Otan e a Rússia. Ele lembra que a Bielorrússia, aliada de Moscou e governada pelo ditador Alexander Lukashenko, é a

nação onde a Rússia tem acumulado suas forças. "Dali, as tropas de Putin poderiam tentar uma 'corrida tropejante' até Kiev, para cercar e capturar a capital da Ucrânia no início de uma invasão mais ampla", disse.

Por sua vez, o russo Oleg Ignatov — especialista em Rússia pelo International Crisis Group (em Moscou) — considera a decisão da Otan e dos EUA de reforçarem suas tropas como uma resposta lógica à ameaça do Kremlin. "Isso não é uma preparação para a guerra, mas uma ação preventiva. Os países-membros da Otan no Leste Europeu considerarão que os riscos de agressão contra eles se multiplicaram e pedirão à aliança e aos EUA que coloquem tropas em seus territórios. Se a ameaça da Rússia persistir, veremos mais soldados dos EUA na Europa e mais militares da Otan no leste do continente", afirmou à reportagem.

O estudioso russo classifica como "realmente altos" os riscos de escalada na Ucrânia e adverte que as intenções reais de Moscou seguem desconhecidas. "O fato é que a Rússia posicionou mais de 100 mil soldados na fronteira com a Ucrânia e não explicou os motivos. O Ocidente não pode ignorar possíveis cenários perigosos", acrescentou. Para ele, os desdobramentos da crise dependerão da Rússia. "Se a escalada local começar — por exemplo, confrontos entre separatistas pró-Moscou em Donbass e o Exército ucraniano —,

o Ocidente poderá adiar as medidas mais duras para o caso de uma invasão em larga escala de tropas russas. Se a Rússia atacar a Ucrânia, veremos uma resposta contundente do Ocidente", disse Ignatov.

Nesse caso, ele prevê a imposição de sanções à economia russa, com o objetivo de golpear as exportações e o sistema financeiro. "A intenção seria, gradualmente, excluir a Rússia da economia global. A Otan enviará mais tropas para os países-membros do Leste. A Ucrânia receberá mais ajuda militar do Ocidente", afirmou.

Segurança

Daniil Bogatyriov, cientista político do Instituto Ucrainiano de Análise e Gestão de Políticas, avalia como uma "péssima ideia" a mobilização de tropas no Leste da Europa. Segundo ele, o principal tema entre Rússia e EUA não é a invasão russa, mas as sugestões de Moscou sobre garantias de segurança. "O Kremlin fez duas exigências: um compromisso por escrito de Washington de que a Otan não se estenderá mais rumo ao leste; e a retirada das tropas americanas para as posições que ocupavam em 1997."

Bogatyriov destaca que a recusa dos EUA em cumprir com as demandas é a causa de tensões. "A Rússia trata a Otan e os EUA como a maior ameaça. A instalação de bases militares americanas na Ucrânia seria vista como algo absolutamente inaceitável pelo Kremlin."

REINO UNIDO

Adrian Dennis/AFP



Johnson usa máscara em visita a hospital de Londres

Mais uma festa "proibida" do premiê

Enquanto milhões de britânicos estavam confinados e nem sequer podiam se despedir de seus mortos, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, celebrava o próprio aniversário com funcionários e amigos em pleno lockdown. A nova festa — que contou com bolo e com "Parabéns para você" — ocorreu em 10 Downing Street, a residência oficial do governo, em 19 de junho de 2020. De acordo com a emissora ITV News, a comemoração foi organizada pela esposa de Johnson, Carrie, e contou com cerca de 30 pessoas, inclusive a arquiteta de interiores Lulu Lytle, responsável pela controversa reforma do apartamento do premiê.

Uma porta-voz de Downing Street admitiu que Johnson ficou "menos de 10 minutos" na reunião. No entanto, a ITV News informou que vários amigos do líder conservador estiveram em outra festa na mesma noite e no mesmo local. "Isso é completamente falso. Seguindo as regras daquela ocasião, o primeiro-ministro recebeu um pequeno número de familiares, em área externa, naquela noite", informou.

A denúncia da ITV News é mais um capítulo nos escândalos envolvendo festas que contaram com a presença de Johnson quando vigoravam medidas restritivas para tentar conter a propagação da covid-19.

"Acabado"

"O premiê Boris Johnson está acabado, em parte por causa de seu caráter e de sua crença arrogante de que as regras básicas da vida pública não se aplicavam a ele. Fundamentalmente, ele não é uma pessoa séria e que possui um dos cargos mais sérios do mundo", afirmou ao **Correio** Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham. "Somos uma potência nuclear e uma liderança da Otan, em um momento em que o impensável, uma guerra na Europa, é uma possibilidade real."

Glees lembra que as pesquisas de opinião pública ratificam a crise de credibilidade de Johnson. "Cerca de 80% dos britânicos acham que Boris merece sobre as festas, 70% querem a renúncia dele. O Partido Trabalhista está dez pontos percentuais à frente do governista Partido Conservador. O que os parlamentares conservadores precisam decidir é se suas chances de reeleição serão arruinadas se Boris ficar. Se eu fosse eles, me livraria dele o mais rápido possível. Boris é um desastre para a Grã-Bretanha." (RC)

BURKINA FASO

Militares anunciam tomada de poder

Vestidos em uniforme de camuflagem, os golpistas interromperam a programação da Radio Télévision du Burkina (RTB) e anunciaram que tomaram o poder em Burkina Faso. O golpe ocorreu depois de uma revolta no país africano por críticas ao fracasso do presidente Roch Marc Christian Kaboré em conter a ascensão dos jihadistas. Os soldados rebeldes decretaram o fechamento das fronteiras e prometeram um "retorno à ordem

constitucional" dentro de um prazo "razoável".

Antes do anúncio, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, pediu a "libertação imediata" de Kaboré, uma mensagem também enviada pela União Europeia. A União Africana havia condenado o que era então "uma tentativa de golpe de Estado". O secretário-geral da ONU, António Guterres, "condenou fortemente" o "golpe de Estado" militar. Em texto lido por seu porta-voz,

Radio Télévision du Burkina (RTB)/AFP



Golpistas proclamam o fim do governo, em rede de televisão

Guterres demonstrou preocupação com "a proteção e a integridade física" de Kaboré, cujo paradeiro é desconhecido.

Soldados se mobilizaram em várias bases de Burkina Faso, no domingo, pedindo a saída da

liderança militar e mais recursos para combater os grupos jihadistas. Kaboré, que está no poder desde 2015 e foi reeleito cinco anos depois com a promessa de tornar prioridade a luta contra os terroristas, é alvo de críticas pelo

fracasso de sua política de conter a violência de extremistas.

Uma fonte de segurança indicou à AFP que o presidente; o chefe do Parlamento, Alassane Bala Sankaré; e alguns membros do gabinete estão nas mãos dos soldados.

Onde fica

